

tem lugar no *Laudate Dominum*, «transfigurado» numa tocante ária de ópera para soprano. Pelo contrário, no *Laudate pueri*, Mozart, mais consentâneo com um certo conservadorismo estilístico ao gosto do seu patrono, demonstra a sua mestria no domínio do contraponto, relembrando um estilo arcaico que prepara a escrita fugada que irá caracterizar os vários andamentos do seu futuro *Requiem*.

Não deveremos crer que Colloredo tenha sido «surdo» relativamente às aspirações subjectivas e atrevidas do seu jovem organista. Apesar de tudo o arcebispo tinha tido a oportunidade de ouvir obras de outros compositores como Michael Haydn. Mas, para o efeito, a secundarização da música de Igreja sentida por Mozart nesse período foi, sem dúvida, uma das razões da suposta má vontade que o seu patrono por si nutria, sendo muito possível que o compositor nunca tenha tido consciência desse facto.

*Filipe Mesquita de Oliveira*

#### ELISA BASTOS (SOPRANO)

Iniciou os seus estudos musicais aos 5 anos, concluindo o Curso Secundário de Música no Conservatório de Música do Porto. Atualmente, estuda na Universidade de Évora com a professora Lílina Bizineche. Atuou a solo com Orquestra Clássica de Évora, Orquestra Infanta D. Mafalda, Banda Musical de Oliveira, Banda de Gondomar, Orquestra do Conservatório de Gondomar e quarteto EMAR.

#### SARA ARAÚJO (MEZZO-SOPRANO)

Natural de Lamego, ingressou em 2019 na JOBRA, no curso de ICT - Variante de Canto na classe de Job Tomé. Em 2021 participou no coro da ópera *Così fan tutte*, de W. A. Mozart, no Coliseu Porto Ageas, com o maestro C. Costa e o encenador A. Durães. No ano de 2022 ingressou na Licenciatura em Música da Universidade de Évora, em Canto Lírico, na classe de Lílina Bizineche. Em 2023 representou a UÉvora no LAB. Ópera 1 – Millennium Festival ao Largo.

#### TYLER CATLIN (TENOR)

Pianista acompanhador convidado na Universidade de Évora, Catlin foi premiado por Ansbacher Fellowship no Festival de Salzburgo em 2017. Estudou com Sian Edwards em 2016 no Dartington Music Summer School and Festival. É licenciado em música na Universidade de Cincinnati, College-Conservatory of Music. Completou o Mestrado em Direção do San Francisco Conservatory of Music onde ele estudou com Michael Morgan. Fez outros estudos em direção na Juilliard School com Mark Shapiro.

#### IVO NICO (BARÍTONO)

Iniciou os seus estudos musicais na Sociedade Filarmónica Municipal Redondense em 2017. No ano de 2018 ingressou no Conservatório Regional do Alto Alentejo como trombonista na classe do professor Nuno Lopes onde completou o 8º grau do curso articulado de música. Em 2022 começou a estudar canto lírico com a professora Joana Godinho e mais tarde no ano de 2023 com o professor Pedro Nascimento. É atualmente estudante de canto do primeiro ano da licenciatura de música na Universidade de Évora sobre a docência da professora Lílina Bizineche.

#### LUÍS MARQUES (OBOÉ)

Nasceu em Évora, em 1973. Ao longo da sua formação, participou, entre outros, na Academia de Música do séc. XX sob a direcção de David Robertson e de Pierre Boulez, bem como na Schweizer Jugend-Sinfonie-Orchester sob a direcção de Nello Santi. Em 1996 concluiu o bacharelato em Oboé na Escola Superior de Música de Lisboa. Em 1987 recebeu o 1º prémio ex-aequo no Concurso Évora Jovem e também o 1º Prémio em Música de Câmara; em 1996 o 1º prémio no Concurso de Interpretação Musical do Estoril. Em 1997, como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian prosseguiu estudos na Academia de Música de Basileia onde obteve o “Konzertklassenediplom”. Foi estagiário na Sinfonieorchester Basel tendo ingressado em seguida na Orquestra Sinfónica Portuguesa. Lecionou de 2000 a 2018 na Escola de Música do Conservatório Nacional e Instituto Piaget, leccionando actualmente na Universidade de Évora. Dedicou uma grande parte da sua carreira à Música de Câmara e ao estudo de instrumentos históricos. É membro fundador do Trio Cremeloque Lisboa e do Sonus Faber Project.

#### SALOMÉ TOMÁS (OBOÉ)

Salomé Tomás nasceu a 25 de maio de 2002, na Amadora. Teve o seu primeiro contacto com o oboé aos 10 anos na Orquestra Geração, com a professora Carla Duarte. Em 2017, ingressou na Escola Profissional Metropolitana, também na classe da professora Carla Duarte. Mais tarde, em 2020, ingressou na Academia Nacional Superior de Orquestra na classe dos professores Nelson Alves e Sally Dean, e concluiu a sua Licenciatura em Instrumentista de Orquestra em 2023. Durante o seu percurso, teve a oportunidade de trabalhar com diversos maestros pelas mais variadas salas de espetáculo um pouco por todo o país, bem como com algumas orquestras profissionais. Para além de ter participado em alguns estágios de orquestra, frequentou também algumas masterclasses, destacando-se o Verão Clássico 2019 onde foi galardoada com uma Menção Honrosa. Atualmente, encontra-se no primeiro ano do Mestrado em Música da Universidade de Évora, na classe do professor Luís Marques e, para além de integrar as Orquestras Clássica e de Sopros da Universidade de Évora, colabora ainda com a Sociedade Filarmónica Boa União Montelavarense.

#### MAESTRO GONÇALO LOURENÇO

Bacharel em Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa; Licenciado em Psicologia, pela Universidade Lusófona; Licenciado em Direção Coral pela Escola Superior de Música de Lisboa; Mestre em Direção Coral pelo College Conservatory of Music, em Cincinnati e Doutorando, em Direção Coral na Universidade de Indiana. É Professor de Coro na ESART, onde trabalha com o Coro Geral da ESART e com o Coro Autêntico. É Professor de Coro na Universidade de Évora onde trabalha com o Coro Mateus D'Aranda. Fundador do Coro de Câmara Cetóbriga e do Ensemble Vocal Polaris.



23  
MARÇO/24

18H00  
Reguengos de Monsaraz  
IGREJA MATRIZ



#### A. VIVALDI

Concerto para oboé,  
cordas e baixo contínuo,  
em Ré Menor, RV 454 (\*)

#### A. VIVALDI

Concerto para cordas  
e baixo contínuo,  
em Sol Menor, RV 157

#### A. VIVALDI

Concerto para dois  
oboés, cordas e baixo  
contínuo, em Ré Menor,  
RV 535 (\*\*)

#### W. A. MOZART

Vesperae solennes de  
confessore, K. 339 (\*\*\*)

(\*) Solista: **Luís Marques**

(\*\*) Solistas: **Salomé**

**Tomás** (oboé 1),

**Luís Marques** (oboé 2)

(\*\*\*) Solistas: **Elisa Bastos**

(soprano), **Sara Araújo**

(meio soprano),

**Tyler Catlin** (tenor),

**Ivo Nico** (baixo)

Direção: **Gonçalo Lourenço**



# Coro Mateus d'Aranda Orquestra Clássica

DA UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA



# Coro Mateus d'Aranda Orquestra Clássica



DA UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA

IGREJA MATRIZ  
Reguengos de Monsaraz

23  
MARÇO/24  
18H00

## Notas de programa

**Antonio Vivaldi**  
“*Symphonie Funèbre et Triomphale*” Concerto para dois oboés, cordas e baixo contínuo em Ré menor, RV 535  
Concerto para oboé, cordas e baixo contínuo em Ré menor, RV 454

É muito provável que os primeiros concertos para sopros da autoria de Vivaldi tenham sido dedicados ao oboé. Os documentos presentes no arquivo histórico do *Ospedale della Pietà* revelam o seu interesse particular por este instrumento, mencionando uma série de nomes de famosos oboístas da altura, entre os quais Ignazio Rion, Ludwig Erdmann e Ignazio Sieber, bem como Onofrio Penati, este último membro da Orquestra da *Basílica di San Marco*. Todavia, mau grado este rol de músicos ter tido parte activa no panorama musical veneziano da primeira metade do século XVIII, o facto é que foi, com toda a probabilidade, o oboísta alemão Johann Christian Richter, que pertenceu ao círculo pessoal do Príncipe Frederico Augusto da Saxónia quem mais inspirou Vivaldi para compor para oboé, segundo sugere o musicólogo C. Fertonani. Independentemente destas questões, sabemos também que o referido orfanato veneziano no qual Vivaldi foi *Maestro di concerti* possuía uma coleção de instrumentos invulgar, fosse pela tipologia variada, fosse pela quantidade. Dos registos relativos às suas funções de professor das raparigas órfãs aí internadas, sabemos ainda que tocavam vários instrumentos de sopro, entre madeiras e metais, e até mesmo tímpanos. É, pois, como resultado dessa circunstância que surgem para mais de vinte concertos para oboé solo, cordas e contínuo da sua autoria, bem como ainda uma série de concertos para dois e três oboés.

O *Concerto para dois oboés, cordas e contínuo, RV 535*, que hoje ouviremos, espelha mais a colaboração professor/aluna na sua configuração solística, do que propriamente uma «competição de virtuosos» como seria expectável, atendendo à essência do concerto barroco italiano. Na verdade, o discurso dos dois oboés forma um conjunto sonoro em movimento paralelo, com o segundo oboé sempre abaixo do primeiro. Após uma *Largo* introdutório orquestral, o discurso concertístico tem início com um diálogo sereno entre os dois solistas, o violoncelo e o baixo contínuo. No *Largo* central uma série de tercinas encantadoras apoiam-se num baixo sempre repetido em modo de *ostinato* que dará lugar ao *Allegro molto* final caracterizado por frases curtas e interrompidas.

O *Concerto RV 457* é uma versão para oboé solista do *Concerto para violino, cordas e contínuo RV 236*, o qual faz parte da colectânea *Il Cimento dell'Armonia e dell'Invenzione*, Op.8, publicada em 1725 em Amsterdão sob os auspícios da casa impressora de Michel-Charles Le Cène. De referir que a obra-prima do compositor, *As Quatro Estações*, se constitui como os primeiros quatro concertos dessa colectânea. O *Concerto RV 457* revela a plena maturidade do compositor na consolidação da sua linguagem inconfundível e sobretudo afirma a parte solística na plenitude das suas capacidades virtuosísticas. Importa a este propósito sublinhar que, tendo sido Vivaldi um violinista e havendo, no seu tempo, uma primazia absoluta deste instrumento na dinamização da linguagem orquestral, os sopros tiveram de se adaptar ao idiomatismo violinístico, o que, neste caso em particular, torna a execução solística do oboé um verdadeiro «tour de force».

**Antonio Vivaldi**  
**Concerto para cordas e baixo contínuo em Sol menor, RV 157**

As primeiras obras escritas no género concerto foram destinadas a um ensemble alargado de cordas e baixo contínuo, não ainda com a articulação promovida pelo diálogo da forma *ritornello* com um concertino de solistas em discurso com o *tutti* orquestral. Tal viria mais tarde a ser definido e consolidado. Na verdade, o papel assumido pelas partes *tutti* de violino nas primeiras obras no género foram sendo cada vez mais exigentes, pelo que o princípio de articulação em forma *ritornello* viria gradualmente a afirmar-se de modo natural. O *Concerto RV 157* coloca-se precisamente no ponto de arranque do desenvolvimento formal que acabamos de apontar, na medida em que nele se prefigura já a ideia de contraste solo/*tutti*, sem, todavia, haver propriamente um violino solista. A obra tem início com um poderoso andamento no qual as duas partes de violino dialogam entre si. Por sua vez, o *Largo* seguinte, em ritmos pontuados, dá lugar ao inebriante final, vagamente reminescente do *Concerto «O Verão» das Quatro Estações*.

**W. A. Mozart**  
**Vesperae solennes de confessore, K.339**

As *Vesperae solennes de confessore*, ou simplesmente *Vésperas solennes*, são a derradeira obra de Mozart escrita para a catedral da sua terra natal, Salzburgo, em 1780, numa altura em que o compositor contava 24 anos de idade. Representam também o último testemunho de Mozart anterior à sua partida de Salzburgo rumo a Viena em busca de melhores oportunidades artísticas e em franca ruptura com o conservadorismo do seu patrono na altura, o Arcebispo Colloredo. Esse ambiente de cisão com Colloredo, que se vinha acentuando imediatamente antes da composição das *Vésperas solennes*, levaria Mozart a sair de Salzburgo num período em que se encontrava ainda ao serviço do arcebispo. Esse arejamento que o compositor procurou levá-lo a Paris, via Mannheim, tendo constituído uma experiência determinante no processo de assimilação das novas correntes estéticas, estilísticas e técnicas, sobretudo ao nível orquestral, que se vinham ouvindo nos principais centros do panorama musical europeu da altura. De volta a Salzburgo, Mozart regressaria de novo às convenções mais conservadoras da corte do arcebispo, tendo sido nesse contexto que as *Vésperas solennes* viram a luz do dia.

No seu enquadramento litúrgico, as *Vésperas* são parte integrante do Ofício Divino, constituindo a sua sétima parte a ser celebrada ao entardecer, tendo a tradição permitido uma certa liberdade criativa aos compositores, revelada pela presença do estilo concertante. O género consiste de cinco salmos e um hino, terminando com o *Magnificat*. Ao longo da sua vida Mozart compôs dois ofícios de vésperas, K.321 e K.339 (este último que hoje ouviremos), ambos em Dó Maior, sem integrarem o hino, numa estrutura em seis andamentos. Em matéria vocal, tendo sido essencialmente um compositor de ópera, a influência da sua linguagem muito própria neste domínio transparece nas suas obras não operáticas. São disso testemunho as *Vésperas solennes*, caracterizadas por um discurso musical religioso pleno de efeitos de espírito operático, numa tentativa talentosa e subtil por parte do compositor em não ferir as susceptibilidades confessionais de Colloredo. Em particular o discurso musical de natureza operática é atribuído aos cantores solistas, como por exemplo podemos ouvir no *Dixit dominus* ou no *Confitebor*, exclusivamente a eles dedicado. O culminar dessa veia operática